



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

AS DIFERENÇAS DE COMPORTAMENTO DEMOGRÁFICO NO ANTIGO REGIME - O CASO DE RONFE (GUIMARÃES) E POIARES (FREIXO).

AMORIM, Maria Norberta

Ano: 1993 | Número: 103

Como citar este documento:

AMORIM, Maria Norberta, As diferenças de comportamento demográfico no Antigo Regime - O caso de Ronfe (Guimarães) e Poiares (Freixo). *Revista de Guimarães*, 103 Jan.-Dez. 1993, p. 47-63.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

As diferenças de comportamento demográfico no Antigo Regime
– O caso de Ronfe (Guimarães) e Poiares (Freixo)

Maria Norberta Amorim

Revista de Guimarães, n.º 103, 1993, pp. 47-63

Apresentar um trabalho sobre comportamentos demográficos de Antigo Regime num Seminário de Cultura Popular pode não parecer muito a propósito. No entanto, as fontes utilizadas para esse estudo, os registos paroquiais, são as únicas que não privilegiam grupos sociais e que nos colocam, por isso, mais próximo do homem comum. O tratamento agora feito dessas fontes é um primeiro patamar de uma construção que abre perspectivas novas à história das sociedades modernas e contemporâneas.

O interesse pelos registos paroquiais não é novo. Os genealogistas de toda a Europa conhecem-no bem há longo tempo. A Demografia Histórica nasceu em França nos anos cinquenta baseada nos mesmos. A novidade agora está apenas em enveredar pela genealogia sistemática descendente, acompanhando os actos vitais de todos os residentes nas comunidades paroquiais.

Para uma trintena de paróquias da antiga Arquidiocese de Braga temos na Universidade do Minho, em montagem, "bases de dados" com o percurso vital dos respectivos residentes, usando uma metodologia própria que nós chamamos de "reconstituição de paróquias". Trata-se de cruzar a informação dos nascimentos, casamentos e óbitos em fichas de família e depois desdobrar essa informação em fichas individuais, conservando os elos genealógicos.

É um trabalho que até agora tem sido desenvolvido nos meios académicos, particularmente no âmbito do Mestrado em História das Populações da Universidade do Minho, mas que pode e deve afectar meios culturais mais vastos. Entendo que todas as paróquias deste país para as quais a documentação se conservou podem e devem ser reconstituídas, não só para satisfação dos demógrafos ou dos historiadores da sociedade, ou servir de referência a programas de governo, mas também para satisfazer a legítima pretensão do cidadão comum, sem ascendentes em livros de linhagens, de conhecer as suas raízes.

Encarada a reconstituição de paróquias em termos de valorização de património documental, é necessário encontrarem-se formas de articulação entre instituições, nomeadamente entre a Universidade e autarquias, com abertura a agentes culturais individuais ou colectivos do próprio meio. No caso de Guimarães está a tardar a concretização do Centro de História das Populações, há anos em projecto, Centro da Universidade do Minho que seria apoiado, entre outros, pela Câmara Municipal e pela Sociedade Martins Sarmiento e aberto a todos os interessados da comunidade local.

São muito variadas as perspectivas abertas pela reconstituição de paróquias. Na medida em que, no fim do processo, se dispõe de fichas individuais com o percurso vital de cada residente, há possibilidade de cruzamento com outro tipo de fontes, como testamentos, róis de confessados, listas de instituições de assistência, nomeadamente das Misericórdias, listas fiscais e muitos outros documentos nominativos que os arquivos conservam. Esses cruzamentos podem conduzir-nos a uma nova abordagem da História dos quatro últimos séculos ao permitirem estudos integrados e micro-analíticos da reprodução de comportamentos em longa duração.

No entanto, embora se vislumbre o caminho de um estudo integrado, a divisão disciplinar impõe-se ainda neste momento não só pela morosidade do tratamento das fontes mas também pelas necessidades de especialização de cada investigador.

O primeiro nível desse estudo é o da análise demográfica, objectivo mais conseguido dos primeiros investigadores académicos de

registos paroquiais. Neste trabalho como em quase todos os outros que tenho desenvolvido coloco-me apenas nesse nível. Espero que outros investigadores, com outras especializações, possam aproveitar as “bases de dados” que serviram para este trabalho e as muitas outras em organização para o estudo integrado que se perspectiva.

Uma das constatações mais interessantes decorrentes da análise longitudinal, se comparamos gerações nascidas no mesmo período histórico em áreas geográficas distintas é a relativa diversidade de comportamentos, mesmo em período de Antigo Regime.

Proponho-me aqui fazer uma análise comparada dos comportamentos demográficos da paróquia de Poiares, do concelho de Espada à Cinta, população raiana de grande isolamento geográfico no período considerado e dos comportamentos da paróquia de Ronfe, nesta zona do Minho, paróquia aberta ao mundo rural circundante e sofrendo forte atracção urbana e ultramarina.

Foram estudadas as gerações nascidas em Poiares e Ronfe entre os anos de 1680 e 1790. Embora o início dos registos numa e noutra paróquia venha do século XVI e tenhamos prolongado a investigação numa e noutra paróquia até ao XX, essa escolha resultou do facto dos registos anteriores a 1680 serem menos fiáveis em termos de análise demográfica e também do facto das gerações nascidas depois de 1790 evidenciarem já comportamentos de transição para o período contemporâneo.

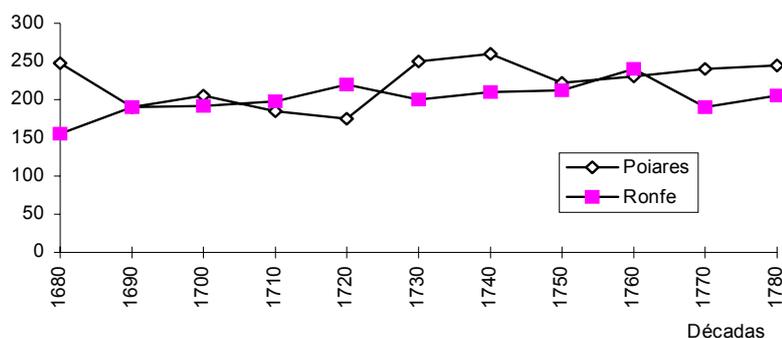
Foram considerados todos os indivíduos nascidos em Poiares e em Ronfe entre aquelas duas datas, legítimos ou ilegítimos, com exclusão dos enjeitados, sendo os mesmos acompanhados em todos os actos vitais registados. Toda a análise é desenvolvida em observação longitudinal para facilitar o estudo comparativo.

Começando por apresentar a **situação à nascença**, no total da observação (gerações nascidas entre 1680 e 1789) nasceram em Poiares 2428 indivíduos, e em Ronfe 2187, dos quais 7% e 14%, respectivamente, eram ilegítimos. Notamos assim uma primeira diferença no campo da ilegitimidade entre a paróquia minhota e a transmontana, o que apenas vem confirmar observações anteriores.

Esta zona do Minho apresentava níveis de fecundidade ilegítima forte e mesmo muito forte em período de Antigo Regime, se comparados com outras zonas do país ou da restante Europa.

No GRÁFICO 1, que apresenta o movimento decenal comparativo de nascimentos, notamos que uma e outra paróquia não lograram aumentar o seu nível reprodutivo de forma sustentada durante o período observado. Enquanto os primeiros quarenta anos parecem ser difíceis em Poiares, a situação sofre alguma inversão posteriormente, mantendo-se a instabilidade em Ronfe até ao fim da observação.

GRÁFICO I
Evolução decenal de nascimentos
Poiares e Ronfe



Considerando que estamos em período de Antigo Regime em que se admitem comportamentos não malthusianos e considerando também que se trata de zonas geográficas com características distintas, uma isolada e outra aberta ao exterior, será interessante aprofundar o problema e tentar descobrir que mecanismos estão na origem dessa relativa estabilidade demográfica durante um período tão longo.

Embora a análise de alguns comportamentos demográficos, nomeadamente da mortalidade geral e da mobilidade e também o do celibato definitivo, resulte comprometida em ambas as paróquias pelo não registo de mortalidade até aos sete anos e pela dificuldade de identificação de adultos solteiros, poderemos estudar de forma mais ou menos cómoda o acesso ao matrimónio, a fecundidade legítima e a mortalidade dos adultos casados.

No sentido de termos uma ideia da sobrevivência à idade núbil e da reprodução local das gerações consideradas, começaremos por apresentar a percentagem de indivíduos do sexo feminino que tiveram filhos legítimos de um primeiro casamento registados nas paróquias, ou seja a percentagem de **mulheres que acederam na sua terra de origem a um primeiro matrimónio fecundo**, independentemente da data do seu casamento.

Considereii dois grupos de gerações, as nascidas entre 1680 e 1739 e as nascidas entre 1740 e 1789. Os resultados são distintos entre as duas paróquias. Em Poiares, 30% dos indivíduos do sexo feminino nascidos na paróquia no primeiro período, tiveram na mesma filhos legítimos. Em Ronfe a percentagem coloca-se apenas nos 19%. No segundo período não há alteração da situação em Ronfe, onde se encontram os mesmos 19%, enquanto em Poiares a percentagem correspondente reduz para 26%.

Devido ao problema já referido de não registo de mortalidade até aos sete anos, é difícil saber se esta diferença de comportamento bem marcada entre Poiares e Ronfe se deve a mortalidade infantil diferenciada ou simplesmente resulta da maior mobilidade das famílias e dos indivíduos na paróquia minhota ou se se trata de um efeito conjugado. Admitimos que essa diferença resulte principalmente de uma mobilidade muito mais forte em Ronfe, embora se possa aceitar uma maior sobrevivência das crianças em Poiares devida a hábitos culturais no campo da amamentação supostamente aí mais favoráveis.

Mais fácil será saber em qual das paróquias o acesso ao matrimónio era mais precoce.

QUADRO I

Idade média ao primeiro casamento

Grupos de gerações	Sexo Masc.		Sexo Fem.	
	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe
1680-1739	28,0	28,2	25,0	28,6
1740-1789	26,4	28,3	25,6	26,6

Para a observação da idade média ao primeiro casamento, usando a periodização anterior, notamos para as gerações masculinas nascidas entre 1680 e 1739 uma idade média ao primeiro casamento em Poiares de 28 anos exactos, muito próxima da de Ronfe que se situa nos 28,2 anos.

Para o sexo feminino as diferenças são bem mais significativas. Em Poiares as mulheres nascidas entre 1680 e 1739 casaram em média aos 25 anos exactos, enquanto em Ronfe a idade média se colocava nos 28,6.

Uma primeira constatação sobre os resultados é a de que nas gerações nascidas antes de 1740 as mulheres da paróquia minhota casavam algo mais tardiamente do que os homens, o que mais uma vez confirma observações anteriores sobre a zona rural enquadrante da cidade de Guimarães. Em Poiares ao invés são os homens que casam mais tardiamente do que as mulheres e com uma diferença bem mais significativa.

A outra constatação e esta mais importante em termos de descendência é a distancia que separava o casamento feminino em Poiares do casamento feminino em Ronfe, distância que ultrapassa os três anos e meio. Esta diferença bem marcada trará naturais consequências na redução relativa do período fecundo das mulheres minhotas, pesem embora as diferenças no plano da fecundidade ilegítima.

Considerando depois as gerações nascidas no último período notamos mudanças importantes de comportamento. Enquanto em Poiares vemos reduzir a idade média ao primeiro casamento dos homens e subir a das mulheres, passando respectivamente para 26,4 e para 25,6, em Ronfe a idade média ao primeiro casamento dos homens mantém-se sem grandes alterações, colocando-se apenas nos 28,3 anos, enquanto a das mulheres desce mais de ano e meio, situando-se agora nos 26,4 anos. É difícil interpretar estes resultados, tanto mais que contamos com importantes alterações relativas entre os sexos. Poder-se-ia admitir que numa primeira fase existiriam maiores dificuldades na constituição de novos grupos domésticos em Ronfe, zona de solo rural intensamente explorado, situação que vai evoluir depois pela introdução gradual das indústrias rurais a cargo principalmente das mulheres. Em Poiares a observação da idade média ao primeiro casamento não sugere mudanças importantes durante o Antigo Regime.

Para o estudo da **fecundidade legítima** no sentido de colher um volume representativo de famílias formadas por indivíduos do sexo feminino em análise, estudei globalmente a fecundidade das gerações nascidas entre 1680 e 1789.

O primeiro indicador escolhido foi a taxa de fecundidade legítima por grupos de idades da mulher, para todas as idades ao casamento.

A partir do quadro e do gráfico correspondente notamos com clareza a fecundidade legítima mais elevada em todos os grupos de idades da paróquia minhota. Não sabemos se essa situação é efeito de uma alimentação mais diversificada, de uma mortalidade infantil mais forte ou tem raízes biológicas. No trabalho que desenvolvi sobre as paróquias rurais que cercam Guimarães já tinha notado a fecundidade mais forte desta área.

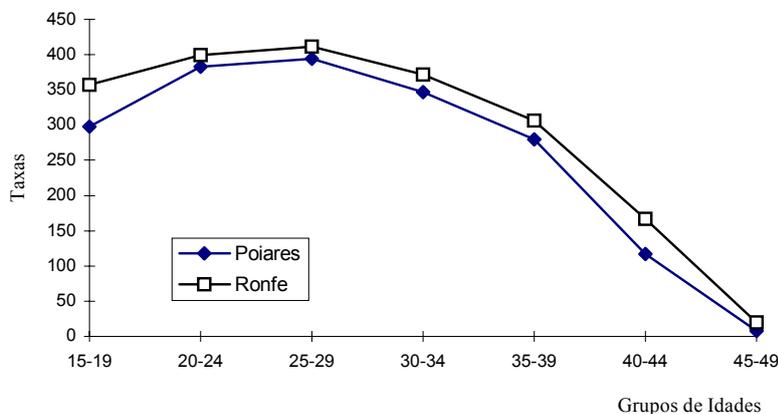
QUADRO 2

Taxas de fecundidade legítima por grupos de idades Todas as idades — 1000 Mulheres

Gerações nascidas	(Obs)	15-	20-	25-	30-	35-	40-	45-
1680-1789		20	24	30	34	39	44	49
POIARES	406	298	383	394	347	280	117	8
RONFE	188	357	399	411	372	306	167	20

GRÁFICO 2

Taxas de fecundidade legítima por grupos de idades Todas as idades — 1000 Mulheres



Se usarmos outro indicador, o *rácio de fecundidade legítima total* (dos 20 aos 49 anos), ou seja o número médio de filhos que essas gerações femininas teriam se vissem em unidade conjugal dos 20 aos 49 anos, continuamos a encontrar expressa a diferença. Em Poiares nasceriam em média 7,6 filhos enquanto em Ronfe nasceriam 8,4.

Os indicadores anteriores apontam para **uma idade da mãe ao nascimento do último filho nas famílias completas** mais elevada na paróquia minhota do que na transmontana. Assim se passa de facto. Enquanto em Poiares encontramos a idade de 39,9 anos, em Ronfe chega-se aos 40,7 anos.

QUADRO 3
Número de filhos nascidos por união

Nº filhos	(1)		(2)		(3)	
	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe
0	54	20	35	13	25	13
1	49	20	29	11	14	9
2	52	12	37	10	18	5
3	45	19	45	19	17	11
4	34	17	34	17	9	9
5	41	14	41	14	16	10



casadesarmento

centro de estudos do património

Nº filhos	(1)		(2)		(3)	
	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe
6	33	22	33	22	13	18
7	31	21	31	21	12	15
8	15	13	15	13	8	13
9	17	11	17	11	6	9
10	16	7	16	7	12	6
11	4	5	4	5	4	5
12	7	3	7	3	6	2
13	0	1	0	1	0	1
14	0	1	0	1	0	0
15	0	1	0	1	0	1
Total	398	187	344	169	160	127
Média	4.03	4.94	4.52	5.39	4.58	5.54

- (1) Famílias observadas durante toda a convivência conjugal.
(2) Famílias observadas durante toda a convivência conjugal, sendo esta superior a 5 anos.
(3) Famílias completas, ou seja aquelas que se mantiveram em convivência conjugal até a mulher ultrapassar o seu período fecundo.

Pelas taxas de fecundidade podemos avaliar o nível de fecundidade legítima das povoações observadas mas não ficamos a saber o número de filhos que efectivamente nasceram. Outras variáveis como a idade ao casamento e a mortalidade são praticamente isoladas na observação. O estudo sobre a descendência poderá dar-nos outras indicações. Vejamos quantos filhos teriam, por união legítima acabada ou completa, as mulheres nascidas, entre 1680 e 1789, em cada uma das paróquias.

Verificamos pelo QUADRO 3 que, apesar da idade média ao primeiro casamento se distanciar da de Poiares, nasceram mais crianças em Ronfe independentemente da duração das uniões. A média de filhos em todas as famílias observadas, quer a união se tenha prolongado durante todo o período fecundo da mulher ou interrompido precocemente, é, em média, de 4,03 filhos em Poiares e de 4,94 filhos em Ronfe. Para as famílias que permaneceram em unidade conjugal até à menopausa feminina, encontramos, em média, 4,58 filhos em Poiares e 5,54 em Ronfe.

Vejamos depois em observação percentual como se distribuem as famílias segundo o número de filhos.

QUADRO 4
Número de filhos nascidos por união
%

Nº filhos	(1)		(2)		(3)	
	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe
0	14	11	10	8	16	10
1-2	25	17	19	12	20	11
3-5	30	27	35	30	26	24
6 e mais	31	45	36	50	38	55

- (1) Famílias observadas durante a convivência conjugal.
 (2) Famílias observadas durante a convivência conjugal, sendo esta superior a 5 anos.
 (3) Famílias completas, ou seja aquelas que se mantiveram em convivência conjugal até a mulher ultrapassar o seu período fecundo.

Se considerarmos a posição percentual, começamos por verificar que a percentagem de famílias estéreis é algo diferente de paróquia para paróquia, favorecendo a paróquia minhota. Para as famílias completas, encontramos 10% de famílias sem filhos em Ronfe e 16% em Poiares.

Ainda nas famílias completas, as diferenças são bem significativas no que respeita a famílias numerosas. Enquanto em Ronfe encontramos 55% de famílias com seis ou mais filhos, em Poiares a percentagem correspondente só atinge os 38%. Se considerarmos todas as famílias, as que permaneceram em unidade conjugal durante todo o seu período fecundo e aquelas que a morte interrompeu a união, continuamos a notar diferença marcada – 45% em Ronfe tiveram seis ou mais filhos, enquanto em Poiares apenas encontramos 31%, o que sugere que a **duração das uniões** poderia ser diferente entre as duas paróquias.

QUADRO 5
Duração das uniões
%

Gerações	Anos		10-19		20-29		30 e mais	
	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe	Poiares	Ronfe
1680/1789	27	16	30	14	25	20	18	49

Verificamos pelo quadro que há uma diferença muito significativa entre a paróquia transmontana e a minhota no que respeita à duração das uniões. Enquanto, para as gerações minhotas, 49% das uniões se prolongaram por 30 ou mais anos, em Poiares apenas 18% atingiram essa posição. Toda essa observação aponta para uma sobrevivência mais favorável em idade adulta na paróquia minhota.

Consideremos contudo que apenas estamos a apresentar as concepções dentro do casamento e, como já sabemos, uma parte significativa dos nascidos não satisfaz essa condição.

Para o estudo das **concepções pré-nupciais e fecundidade ilegítima** só considere as gerações nascidas depois de 1740, dada a deficiente identificação das mães solteiras antes de se tornar obrigatória a referência aos avós das crianças baptizadas.

Aqui também as diferenças são significativas entre a paróquia minhota e a transmontana. Enquanto em Poiares 9% das mulheres nascidas entre 1740 e 1789 iam grávidas para o casamento, em Ronfe essa percentagem subia a 17%.

No que respeita à percentagem de mulheres das mesmas gerações que atingiram os 20 anos na paróquia e que aí tiveram filhos ilegítimos registados encontramos em Poiares uma percentagem de 13% enquanto em Ronfe tal percentagem sobe a 23%.

Tais resultados serão certamente expressão de diferenças culturais importantes que separam populações do Nordeste e do Noroeste do país, reclamando estudo apropriado.

Não dispondo de registo de mortalidade até aos sete anos não podemos calcular por aproximação (Amorim, 1992:188 a 192), os níveis de emigração das gerações consideradas. Por outro lado, contamos com a deficiente identificação ao óbito de indivíduos solteiros, o que remete a observação sobre mortalidade apenas para os indivíduos casados (Henry, 1988, p: 1175).

Foi estudada em Poiares e Ronfe a sobrevivência a partir dos 25 anos de idade dos indivíduos casados ou que vieram a casar nas respectivas paróquias. Os emigrantes casados foram sendo eliminados da contagem do número de residentes à idade de fim de observação, acrescida de meio ano (Amorim, 1988, p: 898).

Depois, a partir dos cocientes de mortalidade encontrados para cada idade, foi calculada a esperança de vida respectiva. Desses resultados apresenta-se aqui um quadro abreviado com a esperança de vida a abrir grupos de idades intervalados por cinco anos.

Para ultrapassar algumas dificuldades de identificação mesmo de indivíduos casados nascidos ainda no século XVII, apenas foram consideradas as gerações nascidas entre 1700 e 1789.

QUADRO 6
Esperança de vida de indivíduos casados
Gerações nascidas de 1700 a 1789

Anos	Poiares		Sexos reunidos	Ronfe		Sexos reunidos
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres	
25	30.03	30.84	30.49	40.37	37.83	39.28
30	25.69	27.22	26.55	35.37	33.44	34.56
35	22.12	24.21	23.29	31.19	29.66	30.56
40	18.77	21.17	20.11	26.94	25.83	26.49
45	15.68	18.21	17.1	23.66	22.80	23.32
50	13.56	15.4	14.63	20.21	18.78	19.63
55	11.35	12.07	11.79	16.30	15.44	15.96
60	9.14	9.13	9.13	12.79	11.69	12.36
65	7.65	6.98	7.22	10.24	8.49	9.54
70	5.91	5.02	5.34	7.2	7.41	7.27
75	4.44	2.77	3.4	5.04	5.04	5.04
80	3.5	2.3	2.95	4.2	4	4.13
85	2.5	0	2.5	2.06	1.5	1.88
90	0	0	0	0	0	0

A partir do GRÁFICO 3, comparativo entre sexos, da esperança de vida aos 25 anos dos indivíduos nascidos de 1700 a 1789, casados ou que viriam a casar em Poiares, notamos claramente que as mulheres apresentam, antes dos 60 anos, uma esperança de vida sensivelmente mais elevada do que os homens. O afastamento máximo entre os sexos dá-se por volta dos 45 anos, chegando a atingir os 2 anos e meio. Nas primeiras idades reparamos que a diferença entre o sexo

masculino e o feminino não chega a um ano, o que sugere o efeito dos acidentes de parto.

GRÁFICO 3
Esperança de vida de indivíduos casados (Poiares)
Comparativo entre sexos – Gerações nascidas de 1700 a 1789

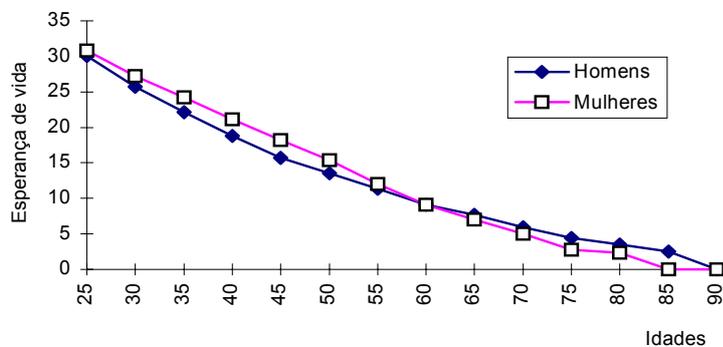
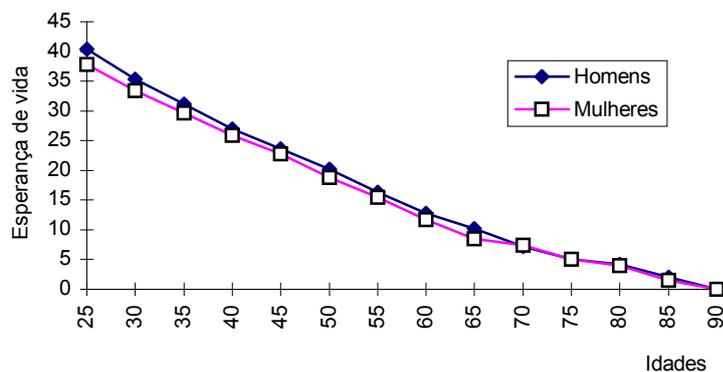


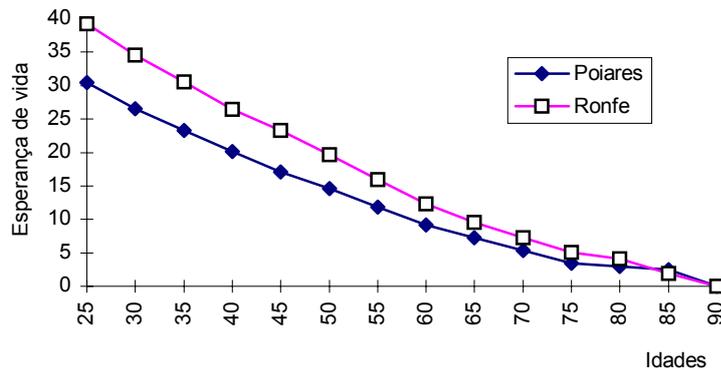
GRÁFICO 4
Esperança de vida de indivíduos casados (Ronfe)
Comparativo entre sexos – Gerações nascidas de 1700 a 1789



No gráfico paralelo, em Ronfe, notamos uma situação similar. As mulheres apresentam aos 25 anos uma esperança de vida da ordem dos 32,9 anos, enquanto os homens se situam nos 31,59 anos. Essa

diferença vai aumentando até aos 45 anos, diminuindo depois gradualmente até se anular por volta dos 60 anos.

GRÁFICO 5
Esperança de vida de indivíduos casados
Sexos reunidos – Comparativo entre Poiares e Ronfe
Gerações nascidas de 1700 a 1789



No gráfico comparativo, sexos reunidos, entre as duas paróquias ressalta a maior sobrevivência das gerações minhotas, com uma esperança de vida aos 25 anos de cerca de dois anos mais do que na paróquia transmontana, diferenças que se vão manter até às idades mais elevadas.

Verificamos assim no Minho, inequivocamente, melhores condições de sobrevivência, pelo menos na idade adulta, o que, aliado a uma fecundidade legítima mais elevada, faria relançar a população para níveis de desequilíbrio em relação aos recursos disponíveis. Uma elevada idade média ao primeiro casamento feminino e uma emigração intensa e diferencial que necessariamente remeteria ao celibato uma percentagem considerável de população feminina contribuiriam decisivamente para a estabilidade populacional em período de Antigo Regime. A fecundidade ilegítima embora significativa não se mostraria suficiente para romper esse equilíbrio.

Em Poiares uma fecundidade menos elevada e maiores dificuldades de sobrevivência conduziriam a um efeito similar na evolução da população sem os mesmos sacrifícios na contenção da nupcialidade e na saída para o exterior.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. Norberta (1988), "Mortalidade e emigração irreversível das gerações nascidas em S. João do Pico entre 1845 e 1884", *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*.
- (1991), "Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses", *Boletim de la Asociacion de Demografia Historica, IX-1*.
- (1983), "Identificação de pessoas em duas paróquias do Norte de Portugal (1580-1820)", *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães.
- (1983-1984) "S. Pedro de Poiães de 1561 a 1830", *Brigantia*, Bragança.
- (1992), *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- BIDEAU, Alain, (1984) "Mecanismos autorreguladores de populações tradicionais", in Maria Luiza Marcílio (org.), *População e Sociedade*, Petrópolis, Vozes, págs. 47 a 68.
- DUPAQUIER, Jacques, (1984), *Pour la Demographie Historique*, Paris, PUF.
- (1984) "Demografia Histórica e História Social", in Maria Luiza Marcílio (org.), *População e Sociedade*, Petrópolis, Vozes.
- EIRAS ROEL, António, (1990) "Mecanismos autorreguladores, evolução demográfica y diversificación intrarregional. EI ejemplo de la población de Galicia a finales del siglo XVIII", *Boletim de la Asociacion de Demografia Historica, Ano VIII, 2*.
- HENRY, Louis, (1970) *Manuel de Démographie Historique*, 2ª ed., Genève-Paris, Droz.
- (1976) *Demografía*, Barcelona, Labor Universitaria.
- (1988) *Técnicas de análise em Demografia Histórica*, Lisboa, Gradiva.
- PÉREZ GARCIA, José Manuel, (1986) "Mecanismos autorreguladores das demografias antigas: o exemplo galego", *Actas das III Jornadas de Historia de Galicia*, Orense, págs. 53/79.